

“Viabilizar novos investimentos”

por George Vidor
do Rio

“Não me arrisco ainda a fazer projeções para 1986, pois tudo vai depender da administração da política econômica no dia-a-dia pelo governo. Mas acho que o Ministério da Fazenda e o Banco Central (BC) têm agido com rapidez e eficiência. Por isso, não me incluo entre os que vêem um horizonte catastrófico para a economia”, afirmou o professor Mário Henrique Simonsen, em entrevista a este jornal.

Simonsen dá apoio integral, por exemplo, às medidas que visam inibir as especulações com os preços e justifica um maior controle por parte do Conselho Interministerial de Preços (CIP) neste momento. Quando esteve no Ministério da Fazenda, durante o governo Geisel, Simonsen também lançou mão desses instrumentos, embora seja um franco defensor dos preços relativos e da economia de mercado: “A economia está superaquecida. Se o paciente está com febre, mesmo que a cura da doença só possa vir através de uma cirurgia, é preciso antes dar um antitérmico para a temperatura baixar”, explicou o professor.

TAXA DE POUPANÇA

O crescimento da economia nos dois últimos anos foi todo calcado na ocupação da capacidade ociosa das empresas. Por isso, Simonsen acha importante que os responsáveis pela política econômica passem a se preocupar mais com o aumento da taxa de poupança, a fim de viabilizar novos investimentos: “O Brasil conseguiu crescer a uma média histórica de 7% ao ano a partir da década de 50 porque neste período teve uma taxa de poupança correspondente a 24% do PIB e mais 3% de poupança externa. O governo, que entrava com uma taxa equivalente a 4% do PIB, hoje participa com zero. Não se pode contar mais com a poupança externa. Resta apenas, então, a pou-

pança privada interna, que está na faixa de 14% do PIB”.

A poupança interna, pelo critério das contas nacionais, é formada basicamente pelos lucros retidos nas empresas e mais a renda das famílias que não é direcionada para o consumo. “A questão dos novos investimentos é fundamental porque, em breve, toda a capacidade ociosa da economia estará ocupada. E a demanda só tende a crescer, porque é possível que os salários continuem tendo aumentos reais em 1986 — possivelmente em menor proporção do que em 1985, já que houve uma reposição de parte das perdas dos anos anteriores. Como o Brasil ainda não conseguiu revogar a lei da oferta e da procura, a falta de investimentos pode provocar pressões inflacionárias incontroláveis.”

QUESTÃO DE DÉFICIT

O ex-ministro também é favorável à estratégia das autoridades econômicas do governo de eliminar o déficit público no prazo de dois anos: “Apesar de ainda haver muito o que fazer para se diminuir o desperdício e aumentar a eficiência, não há dúvida de que a administração pública tem melhorado muito. Creio que a colocação de papéis de empresas estatais no mercado contribui para isto. O administrador passa a ser obrigado a prestar contas ao mercado”.

Simonsen concorda em que a venda das ações da Petrobrás pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), nos próximos dias, é um bom caminho para se diminuir o déficit, pois, com os recursos arrecadados, o governo pode reduzir o seu endividamento total junto ao setor privado (simplesmente concedendo mais créditos às empresas privadas). Segundo ele, para sanear empresas estatais com sérios desequilíbrios financeiros, o governo será obrigado a se desfazer de patrimônio,



Mário Henrique Simonsen

vendendo empresas boas — como a Mafersa, a Nova América, etc. — e diminuir sua participação em algumas companhias. “Telebrás, por exemplo, é uma estatal que poderia ter mais ações em poder do mercado.”

Simonsen considerou inteligente a proposta do governo para aposentadoria antecipada — e de maneira voluntária — dos servidores públicos com mais de dez anos de serviço. “O meu receio é de que apenas saiam os bons funcionários”, ironizou.

AGRICULTURA

O ex-ministro acha que não há motivos para se temer uma inflação terrível em 1986 devido aos problemas que a seca na região Sudeste vem causando à agricultura. “Não há dúvi-

da de que a produção agrícola depende basicamente de São Pedro. Mas não se deve superestimar o peso da agricultura na inflação. 1978 foi o pior ano de safras no País, quando a produção agrícola chegou a cair, em termos nominais. E mesmo assim a inflação baixou de um nível de 42% (1977) para 38,7%. A questão está, então, em como se administram os estoques.”

Simonsen considera que a agricultura tem dado uma boa resposta, crescendo a uma média de 5% ao ano, desde 1979. Ele defende a manutenção de uma política que privilegie mais os preços mínimos do que os créditos subsidiados, “desde que sejam mínimos mesmo, e não máximos”. Dentro desta linha, o professor acha possível alcançarem-se no setor, em 1986, resultados surpreendentes, como os obtidos com o trigo neste ano.

CRISE CAMBIAL

O fantasma da crise cambial não chega a preocupá-lo: “Não existe demanda para importações e não há por que se destimular as exportações. Para que o Brasil renegocie a sua dívida externa com os banqueiros, sem necessitar da interferência do FMI, terá de registrar superávits comerciais da ordem de US\$ 12 bilhões. Não vejo dificuldades para que se continue obtendo essas cifras”, frisou Simonsen.